

FHC

COISAS DA POLÍTICA

■ MARCEU VIEIRA

Os 3 anos do Real e os 5 dedos de FH

Algo vai errado quando todo mundo pensa de um jeito e, sozinhos, na contramão de todo mundo, pensamos diferente. A maioria diz que aquilo é aquilo mesmo. Mas, aborrecidos, insistimos em dizer que não.

Assim parece o Brasil do Real, com sua coleção de pesquisas que ainda há pouco o presidente chamava de "extraordinárias".

Todo mundo aprova o presidente e seu governo. Todo mundo aplaude o Real. E, enquanto isso, uma minoria miúda está aí, teimosa, gritando chateações e contrariedades para ninguém.

Faz três anos que o Real nasceu. Veio ao mundo em plena campanha eleitoral de 1994, quando todo mundo achava que o vencedor seria Lula.

O presidente de agora era candidato. Trazia na bagagem o currículo de sociólogo e a fama autoproclamada de pai do plano. Foi comendo Lula pelas beiradas, convenceu meio Brasil, subiu ao olimpo das pesquisas e venceu no primeiro turno.

Sua campanha tinha um símbolo. Era uma mão espalmada. Cada dedo representava uma prioridade. O primeiro era o da saúde. O segundo, o da educação. O terceiro, o do trabalho. O quarto, o da agricultura. O quinto, o da segurança.

Nenhum era o do Real — que já estava pronto e não carecia de promessas.

Hoje, dois anos e meio depois, até as pedras da Praça dos Três Poderes sabem que qualquer balanço das ações do governo vai apontar como maior realização do presidente o sucesso do Real.

E, como era de se esperar, o presidente está aí comemorando os três anos de Real como coisa de seu governo. Mas não é. Se o Real é sua maior realização, então o governo não tem ainda muito a mostrar.

Quando o plano entrou em vigor, o presidente já estava em campanha. Nem ministro era mais. Vitorioso, teve o mérito de manter o Real em ordem, mas seu governo não seria só isso.

A saúde, primeiro dedo da mão do presidente, não melhorou. Em janeiro, o Brasil foi informado de que este seria o ano da saúde. Metade de 1997 foi embora e, até agora, nada aconteceu para justificar o batismo.

O dedo da educação até que se mexeu. Mas, na cabeça do povão, o que terá ficado como coisa boa até aqui? O provão de ontem?

O dedo do emprego não vai bem. Anúncios do governo dizem na TV que, graças à economia estável, empresas estrangeiras estão vindo para cá com ofertas de trabalho. Mas não é o que a vida real está dizendo.

O desemprego atormenta milhões de famílias Brasil afora. Mais até do que no julho de 1994 em que nasceu o Real.

Do dedo segurança, no quintal federal, nem há o que dizer. Sobra o da agricultura, com o sopro de uma reforma agrária movida a manifestações de sem-terra, ao mesmo tempo em que seu líder, José Rainha, é preso e condenado a 26 anos por homicídio em um julgamento marcado pela suspeição.

O presidente está comemorando o que o governo dele não fez. Não se quer roubar seu mérito. Como ministro, montou a equipe que elaborou o plano, botou o jamegão na primeira nota de Real, mas a moeda que hoje garante sua popularidade nasceu no governo anterior.

Daqui a pouco, será candidato novamente. E, com certeza, o Real voltará a cumprir o papel de maior trunfo de sua campanha. Mas a mão espalmada, com seus cinco dedos, estará quatro anos mais velha. E ainda mais velhos estarão os problemas que prometia resolver.